

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Carlos Lima do Nascimento

**ENTRE A PRODUÇÃO DE MANDIOCA E O CANAVIAL: UM ESTUDO SOBRE O
TRABALHO NO CAMPO E A MIGRAÇÃO, NO MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA-
AL**

Delmiro Gouveia/AL

2023

Carlos Lima do Nascimento

**ENTRE A PRODUÇÃO DE MANDIOCA E O CANAVIAL: UM ESTUDO
SOBRE O TRABALHO NO CAMPO E A MIGRAÇÃO, NO MUNICÍPIO DE ÁGUA
BRANCA-AL**

Trabalho de Graduação apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em
Geografia da Universidade Federal de
Alagoas – Campus do Sertão, como
requisito parcial, para obtenção do título
de licenciado em geografia.

Orientadora: Profa. Dr.^a Suana Medeiros



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: **GEOGRAFIA – LICENCIATURA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

CARLOS LIMA DO NASCIMENTO

ENTRE A PRODUÇÃO DE MANDIOCA E O CANAVIAL: UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO NO CAMPO E A MIGRAÇÃO, NO MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA-AL – Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 29 de maio de 2023.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
SUANA MEDEIROS SILVA
Data: 11/07/2023 19:51:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Suana Medeiros Silva

(Orientadora)



Documento assinado digitalmente
FRANCISCA MARIA TEIXEIRA VASCONCELO
Data: 13/07/2023 15:06:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Francisca Teixeira Vasconcelos

(1^a Examinadora)



Documento assinado digitalmente
MARIA PATRICIA CABRAL DA SILVA
Data: 19/07/2023 10:55:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Ma. Maria Patrícia Cabral da Silva
(2^a Examinadora)

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

N244e Nascimento, Carlos Lima do

Entre a produção de mandioca e o canavial: um estudo sobre o trabalho no camponês a migração, no município de Água Branca - AL / Carlos Lima do Nascimento. - 2023.

62 f. : il.

Orientação: Suana Medeiros.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Geografia humana. 2. Campesinato. 3. Migração temporária. 4. Serra do Cavalo. 5. Água Branca – Alagoas. I. Medeiros, Suana. II. Título.

CDU: 911.3

CARLOS LIMA DO NASCIMENTO

**ENTRE A PRODUÇÃO DE MANDIOCA E O CANAVIAL: UM ESTUDO SOBRE O
TRABALHO NO CAMPO E A MIGRAÇÃO, NO MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA-
AL**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao corpo docente do Curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Federal de Alagoas,
Campus do sertão. Aprovado em 29 de
maio de 2023.

APROVADA EM:

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientadora:

**Profa. Dr.^a
UFAL Campus Sertão (orientadora)**

1º Examinador:

**Profa. Dr.^a
Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão (Examinador
Interno)**

2º Examinador:

**Profa. Dr.^a
(Examinador externo –)**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por sempre estar comigo, até mesmo, quando minhas ações não eram condizentes com os seus ensinamentos e por sempre me guia em busca do melhor.

In memoriam da minha mãe que já partiu para outro plano, mas durante sua jornada aqui na terra sempre me ensinou a buscar o melhor, agradeço os conselhos que sempre foram necessários para minha formação moral e por sempre me repreender quando eu estava errado.

Agradeço também a minha família, por sempre estarem comigo em todos os momentos, até mesmo naqueles que eu perdia minha razão, mas sempre se fizeram presente para me apoiar.

A minha amiga Graziela, por ter cuidado de mim em um momento muito conturbado da minha vida, por ter me ouvido e aconselhado. Aos amigos de curso, e amigos da vida que sempre estiveram comigo.

E por último, agradeço a todo o corpo docente pelos ensinamentos, em especial a minha orientadora de TCC, Suana Medeiros.

Dedico esse trabalho a minha mãe, em reconhecimentos dos seus esforços, enquanto em vida, para que eu sempre buscasse o caminho da educação.

Seja forte e corajoso

Josué 1:9

RESUMO

O desenvolvimento de uma leitura sociológica perante a realidade da migração temporária tem grande valia para uma compreensão de um universo fragmentado que sempre está em uma constante evolução. A procura de um entendimento sobre as migrações temporárias dentro da realidade da Serra do Cavalo município de Água Branca, situação complexa para o camponês que vive da terra e tem a família para ser sustentada, deixando de lado os seus costumes e partindo para outras regiões da Zona da Mata alagoana, assim como demais estados da federação quando tem serviço. O camponês desta região tem muito traço de sofrimento devido o processo de expropriação, em virtude a retirada das antigas formas de trabalho dentro do contexto das famílias camponesas. Tendo como objetivo compreender os motivos e os impactos da migração temporária para o corte da cana-de-açúcar, na vida das famílias da Serra do Cavalo, no município de Água Branca/AL. A pesquisa foi desenvolvida com 12 agricultores, com pouco ou quase nenhum conhecimento escolar, com uma renda que varia dentro deste processo laboral do corte da cana-de-açúcar de 800 a 2400 reais por mês, visto que um trabalho insalubre exige cuidados com a saúde, diante da realidade destas pessoas, assim como das empresas as vezes disponibiliza EPI, as vezes não. Concluindo que os camponeses começam a migrar para manter a reprodução social com suas famílias, diante de seu modo de vida, não abandonaram suas terras, continuando sempre com suas próprias lavouras de mandioca, milho, feijão e suas hortaliças e frutas, e vão à procura de um complemento do trabalho acessório através da migração temporária. Período complexo para o camponês quando deixa pela primeira vez seu lar a procura de novas formas de trabalho para estabelecer a sua família, contudo nem sempre consegue, mas sempre está trabalhando para que sua família possa ter sempre o melhor diante de sua realidade laboral.

Palavras-chave: Migrações temporárias. Camponês. Serra do Cavalo.

ABSTRACT

The development of a sociological reading of the reality of temporary migration is of great value for an understanding of a fragmented universe that will always be in constant evolution. The search for an understanding of temporary migrations within the reality of the Serra do Cavalo municipality of Água Branca, a complex situation for the peasant who lives off the land and has his family to support him, leaving aside his customs and leaving for other regions of the Zona da Mata Alagoas, as well as other states of the federation when there is service. Peasants in this region have a lot of suffering due to the expropriation process, due to the withdrawal of old forms of work within the context of peasant families. Aiming to understand the reasons and impacts of temporary migration to cut sugarcane, in the lives of families in Serra do Cavalo, in the municipality of Água Branca/AL. The research was carried out with 12 farmers, with little or no school knowledge, with an income that varies within this work process of cutting sugarcane from 800 to 2400 reais per month, since an unhealthy job requires care with the health, given the reality of these people, as well as companies, sometimes makes PPE available, sometimes not. Concluding that peasants begin to migrate to maintain social reproduction with their families, given their way of life, they have not abandoned their lands, always continuing with their own crops of cassava, corn, beans and their vegetables and fruits, and they go in search of a complement to ancillary work through temporary migration. A complex period for the peasant when he leaves his home for the first time in search of new forms of work to establish his family, however he does not always manage to, but

always be working so that his family can always have the best in face of his work reality.

Keywords: Temporary migrations. Farmer. Horse Mountain.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DNA – ácido desoxirribonucleico - é um tipo de ácido nucleico que possui papel fundamental na hereditariedade

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN – Parâmetros Curricular Nacional

ONU – Organização das Nações Unidas

EA – Educação Ambiental

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental

PRONAE – Programa Nacional de Assistência ao Ensino

LDB – Lei das Diretrizes e Base.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Migrações internas do Brasil	18
Figura 02: A farinha sendo ensacada depois de ser pesada, pronta para a venda.....	33
Figura 03: Casa de farinha abandonada.....	34
Figura 04: roda do processo manual da casa de Farinha	35
Figura 05: prensa hidráulica	36
Figura 06: Terra ociosa da comunidade	38
Figura 07: Plantio da mandioca	39

LISTA DE GRÁFICOS E TABELA

Gráfico 01: escolaridade dos entrevistados.....	40
Gráfico 02: Possui alguma doença crônica	42
Gráfico 03: Se usa os materiais de proteção.....	43
Quadro 01: Quantidade de filhos por entrevistados.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 A pesquisa	13
2 POLÍTICA E TERRA: DUAS QUESTÕES INDISSOCIÁVEIS.....	16
2.1 O poder político e questão da terra	16
2.2 O processo de migração brasileira	17
2.3 O campesinato em Alagoano	22
2.4 A função social da propriedade rural	25
3 O CAMPONÊS EM ÁGUA BRANCA.....	31
3.1 A difícil jornada do camponês no alto sertão alagoano.....	31
3.2 Comercialização da mandioca e seus derivados na Serra do Cavalo.....	33
3.3 O movimento migratório temporário dos agricultores da Serra de Água Branca-AL	40
3.3.1 A realidade e a enfermidade no canavial.....	42
3.3.2 A utilização de materiais de proteção	44
3.3.3 O apoio da família	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES.....	53

1 INTRODUÇÃO

Muitas regiões brasileiras ainda vivem em situações complexas, com isso existe as dificuldades em manter uma família como estar escrito na Constituição de 1988, com todos os itens necessários para uma qualidade de vida, neste sentido adentram a necessidade de migram para o corte de cana, ainda é bem comum no Alto Sertão de Alagoas, principalmente na cidade de Água Branca.

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma reflexão sobre a mobilidade espacial do trabalho no Sertão de Alagoas da cidade de Água Branca, tendo como recorte a migração dos camponeses da Serra do Cavalo, que em determinados meses do ano se deslocam para trabalhar no corte da cana-de-açúcar em outras cidades e/ou estados.

O corte da cana-de-açúcar é uma realidade na vida dos camponeses do Sertão alagoano. Quando passa a época de colheita na sua terra ou quando por algum motivo a colheita não foi boa, o camponês avança em sentido ao canavial em busca de uma renda para manter sua família, visto que são alguns meses, ele se esforça em produzir bem para logo estar em seu lar.

O agricultor conhece da terra, contudo os fatores ambientais de sua roça em alguns momentos não permitem uma colheita condizente com o seu plantio, pela pouca chuva, praga, ou o frio. Esses fatores podem dificultar a realidade do pequeno agricultor que só tem aquele investimento, com isso a necessidade em procurar outras agricultas para poder trabalhar. Além dos fatores ambientais, é importante dizer que a ausência de políticas públicas para garantir a produção e o sustento das famílias no semiárido também é um fator determinante nesse contexto.

Essa realidade da migração se faz presente na vida de muitas pessoas, provocado por estruturas muitas vezes injustas, ligadas a contextos econômicos, políticos, sociais e ideológicos. Visto que em sua cidade natal não conseguem ter uma vida com uma qualidade financeira desejada, e por isso migram em busca de uma renda.

A procura por renda é sempre o ponto primordial para definir a migrar para outro local, seja no mesmo estado seja para outra região do Brasil, como a safra e colheita do café em São Paulo, muitos nordestinos se aventuram nesta realidade para passar um período nestas terras do sudeste e sul do Brasil.

Além do corte de cana há outros que estão correndo para outras profissões que lhes garantam uma renda, que é o da construção civil, contudo, é uma realidade que muitos deixam suas famílias, visto que esse tipo de trabalho não é sazonal, mas o ano inteiro, sempre com frentes novas, deixando o trabalhador sempre à procura de mais, com isso muitos não voltam para o seu lar.

O cenário econômico é o principal fator do processo de migração, pois devido à oferta de emprego nas pequenas cidades ser pouca as famílias ou apenas o chefe desse grupo se ver obrigado a buscar trabalho nos grandes centros urbanos ou fazendas.

1.1 A pesquisa

O processo de migração sazonal no município de Água Branca- AL pode ser observado com bastante clareza, visto que durante períodos de estiagens moradores do município se deslocam para os canaviais de cana-de-açúcar para o corte da cana, sendo a única alternativa econômica que acolhe essa mão de obra em sua maioria.

A pesquisa foi desenvolvida com 12 agricultores, com pouco ou quase nenhum conhecimento escolar, com uma renda que varia dentro deste processo laboral do corte da cana-de-açúcar de 800 a 2400 reais por mês, visto que um trabalho insalubre exige cuidados com a saúde, diante da realidade destas pessoas, assim como das empresas as vezes disponibiliza EPI, as vezes não.

O trabalho braçal é bem recorrente dentro desta ótica do corte de cana, a necessidade de conseguir adquirir recursos para o sustento da família, realidade do campo, que a cada novo dia avança a procura em manter sua família unida, contudo tem a necessidade de migrar alguns meses do ano para conseguir manter a vida familiar.

Em períodos de roça, esses trabalhadores não abandonam o campo é uma tradição familiar, com isso desenvolvem o cultivo da mandioca, assim como desenvolve na casa de farinha da associação a farinha, tapioca e seus derivados, mas o forte e a farinha da serra, como são conhecidos, com isso retiram para as famílias que estão envolvidas para suprir o ano e o restante é comercializado.

Essa realidade, já existe dentro do processo cultural enraizado na história das gerações passadas desse trabalhador da cidade de Água Branca, que contribui para que futuras gerações tenham a mesma profissão. Os trabalhadores se abrigam em alojamentos fornecidos pelas usinas, o qual eles se tornaram proprietários até o fim da safra e depois voltam para casa.

Mas como não migrar diante da realidade em que a família camponesa da cidade de Água Branca não tem outra renda garantida?

O objetivo geral desse trabalho é compreender os motivos e os impactos da migração temporária para o corte da cana-de-açúcar, na vida das famílias da Serra do Cavalo, no município de Água Branca/AL. Os objetivos específicos são: analisar as realidades das famílias camponesas da Serra do Cavalo no que diz respeito a produção e sustento da família e; investigar os impactos da migração para o trabalho no corte da cana-de-açúcar, para os camponeses e suas famílias.

A partir destes dados, será possível reunido das entrevistas que serão realizadas com os cortadores de cana-de-açúcar, embasar uma pesquisa de campo. Assim como o auxílio de uma bibliografia especializada, o que configura uma pesquisa também bibliográfica.

Conforme os estudos desenvolvidos por Knechtel (2014), a pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma categoria de pesquisa que visa operar sobre uma problemática de cunho humano ou social. Não se restringiu a enumerar ou medir os eventos estudados e nem mesmo empregar instrumentos estatísticos de análise dos dados, mas sim, envolver a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada.

Minayo *et al* (2000), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Para melhor organizar a pesquisa, buscou-se dividir em dois momentos distintos:

- 1) Aspectos teóricos e conceituais sobre os caminhos da migração da Serra do Cavalo.

- 2) As análises e discussões sobre os camponeses no processo de migração.

Alimentando ainda, um estudo da realidade através do questionário do processo do trabalho para o corte de cana, bem como identificar os pontos positivos desta migração para o canavial, e de fato compreender os seus aspectos metodológicos, assim como as práticas do seu cotidiano, para o desenvolvimento diante de planejamentos específicos.

2 POLÍTICA E TERRA: DUAS QUESTÕES INDISSOCIÁVEIS

2.1 O poder político e questão da terra

O poder político no contexto da terra sempre emana de algumas famílias na realidade brasileira, que firma seu compromisso não social, mas dentro de

mecanismos de poder e opressão perante as demais classes. O processo é ativo e contínuo para que suas posses sejam sempre dentro da formalidade com o poder autoritário, a terra diante desta classe não obedece à função social como está contida na constituição de 1988, mas a interesses pessoais.

O Brasil ocupa o primeiro lugar em maior produtor internacional de cana-de-açúcar desde a época da colonização, (MINISTERIO DA AGRICULTURA, 2009). Sempre centrado dentro do contexto das famílias que tem laços políticos com o poder, não perdem sua maestria em governar. E se impor para que a monocultura da cana-de-açúcar possa ser ativamente continua.

Levando em consideração essa realidade do ministério da agricultura, o Brasil permaneceu como maior produtor mundial até 2021. Dados do Governo Federal evidenciam que nas últimas décadas houve um grande crescimento dos canaviais brasileiros, principalmente na região centro-sul. Demonstrando mais uma vez o avanço do desmate para plantio da cana-de-açúcar.

Muitos nordestinos migram no período sazonal do corte da cana-de-açúcar para a região centro-sul, vendem sua força de trabalho para a garantia do sustento de sua família, processo ativo diante da demanda do corte da cana, realidade em que o camponês estar presente há tempos diante da necessidade de evoluir o corte para o lucro.

O nordestino é forte e não tem medo da labuta do trabalho com a terra seca. Contudo a fome que impera neste contraste o coloca com realidades complexas para adquirir seus alimentos, “destacando a unificação do capital e da terra, em uma aliança do atraso sob o aval do Estado, representada pelo mesmo sujeito social, o qual denominamos de os donos da terra, do capital e do poder em Alagoas” (COSME, 2019, p.138).

A necessidade de políticas territoriais, assim como políticas públicas direcionadas para esses trabalhadores em períodos de secas para que possa dar um mínimo de dignidade reflete quando eles abandonam a terra seca e viajam para

outras áreas do Brasil a procura de dias melhores. A sua terra é vendida para o fazendeiro da região a preço inferior de mercado para que com isso os interesses sejam mantidos.

Essa necessidade em migrar é complexo para o homem do campo em virtude de abandonar sua família e sua terra, a esperança é sempre em voltar, conseguir

um pouco de dinheiro e fazer as melhorias para a família, cada tipo de região sempre age diferentemente para áreas produtivas, seja para o corte de cana na região de Alagoas, assim como para a região sudeste ou centro oeste para a colheita do café.

as terras devolutas no Brasil, cercadas ilegalmente pelos grandes proprietários grileiros. Na verdade, uma pista hipotética para respostas às questões suscitadas. O estado de Alagoas, segundo o autor, é aquele dentre as Unidades da Federação que apresenta o maior percentual de suas terras enquadradas como devolutas: em torno de 36% do total do território (COSME, 2019, p. 206).

Com isso pode ser compreendido esse processo social amplo que vem deixando muitos nos caminhos do processo laboral em terras desconhecidas. Essa parte do capitalismo excludente confronta realidade que necessitam de melhorias para que esses campesinatos possam trabalhar e retornar para suas residências em um tempo prévio. Essa natureza econômica é complexa, visto que o dinheiro é pouco e mal dá para se alimentar.

2.2 O processo de migração brasileira

O Brasil ainda é um país agrícola, não desenvolveu seu campo da pesquisa em tecnologia, com isso produz expressivamente alimentos para os países industrializados, em muitas categorias de alimentos é o maior mundial, contudo seu povo passa fome, verdadeiro contraste diante do avanço do capital nesta relação de consumo.

O Brasil, tem em sua raiz DNA escravista, neste sentido de poder controlador, manipular e proporciona caminhos complexos para aqueles que tentam conseguir algo em seus arredores. O controle da terra tem o controle da vida, “a decisão de migrar não é tomada por indivíduos isolados, mas por um conjunto maior de pessoas que de alguma forma estão ligadas” (SANTOS et al., 2010, p. 12).

A essa esfera social de migração é complexa que desenvolve mecanismos de exclusão contínua nos caminhos em que esses fatos estão em processo de acontecimentos, sempre diante das camadas sociais mais desfavoráveis. As famílias que migram ou simplesmente o homem que sai de sua região para arrumar trabalho em outra tem consigo sonhos de conseguir um “bom dinheiro”, e volta para suas terras, mas nem sempre isso ocorre.

[...] a migração interna é um processo social, deve-se supor que ele tenha causas estruturais que impelem determinados grupos a se pôr em movimento. Estas causas são quase sempre de fundo econômico – deslocamento de atividades no espaço crescimento diferencial da atividade em lugares distintos e assim por diante – e atingem os grupos que compõem a estrutura social do lugar de origem de um modo diferenciado (SINGER, 1998, p.52).

Essa forma de ganhar dinheiro demonstra o poderio centralizado em uma classe social, não existe o acaso, mas meios de centralizar as forças de trabalho, assim como o desenvolvimento social, sempre relacionado à caminhada política que se fundamenta em fortalecer o patrimônio do grande proprietário de terra da região, sempre com seus acordos políticos para manter-se no poder da região.

Segundo Almeida (2011), existem três variáveis para se classificar os tipos de migrações: o espaço de deslocamento, o tempo de permanência do migrante, e como se deu a forma de migração. Ao considerarmos o espaço de deslocamento, temos duas vertentes, a migração internacional, que ocorrerá de um país para outro e a migração interna que se dará dentro do mesmo país.

O período da década de 70 foi complicado para o nordestino em virtude de uma seca prolongada, os meios de trabalho nesta região pouco existiam, com isso a principal solução era ir embora do Nordeste em direção as outras partes do Brasil, principalmente região de São Paulo, muitos não tinha dinheiro então vendia o resto de suas posses para conseguir uma passagem só de ida.

A tristeza e a incerteza eram grandes diante da necessidade de viajar, com isso vendia seus poucos animais e seu pedaço de terra para o fazendeiro, sempre no intuito de voltar, mas a realidade sempre era mais forte, visto que a seca e a fome praticamente vinham dominando a região. Esse tipo de evento naquele período era combatido, contudo não aprendia como conviver com a seca.

O processo migracional deste período chamava a atenção em virtude do volume de pessoas a se aventurar em diferentes regiões com a esperança de dias melhores, esse processo nunca é solitário, sempre estar acometido com muitas outras pessoas tendo o mesmo objetivo de adentrar em outros territórios.

A distância que os migrantes fizeram na década de 70 é relativo diante de onde eles foram, essa avançar nos estados onde mais a seca castigou aumentou esse fluxo migratório. Esse ritmo acelerado da população a procura de trabalho nos maiores centros urbano. Diante de uma realidade onde o Nordeste sempre foi o depósito da mão de obra pesada.

Figura 01: Migrações internas do Brasil



Fonte: Novo maragato¹

O êxodo rural no Nordeste neste período da década de 70, aflorou uma expulsão do campesinato dos engenhos e da própria roça para os demais centros urbanos brasileiro, centro oeste obteve em certos períodos a maior parte desta população, sendo trabalhadores com pouca qualificação em uma época do "milagre econômico" que estava sendo aplicado.

Se considerarmos a forma como se deu o processo de migração teremos a migração espontânea que é quando o sujeito planeja, espontaneamente, migrar para outra região, seja por motivo econômico, político ou cultural, e a Migração forçada – quando o indivíduo se vê obrigado a migrar de seu lugar de origem, geralmente ocorrendo por catástrofes naturais, como, por exemplo, a seca que atingiu o nordeste brasileiro no final do século XIX.

O capitalismo no contraste deste nordeste brasileiro pode ser compreendido diante de uma visão sempre estratégica de "uma ideologia do poder de classe, estamental, dominante, a favor do sistema latifundiário-escravista, foi legitimando as relações de poder desiguais no território", que induz diante de uma relação que não visa perder espaço para a mais valia em tudo que colocam os olhos (COSME, 2019, p.139).

¹ <http://novomaragato.blogspot.com.br/2010/09/xenofobia-e-preconceito.html>

No lugar de destino estariam os fatores de atração, que orientariam os fluxos e os locais para onde se destinariam. O principal fator de atração seria a demanda por força de trabalho, também entendida como “oportunidades econômicas”. No local de destino, a emigração produzida pelos fatores de mudança teria uma melhor probabilidade de sucesso e mobilidade social. Por outro lado, os movimentos engendrados pelos fatores de estagnação levariam a uma maior dificuldade de inserção dos migrantes no local de destino, gerando, em alguns casos, uma re-emigração (OLIVEIRA, 2011, p.13).

Os grandes proprietários de terra do Brasil trabalham dentro desta ótica, visto que seus funcionários não possuem esclarecimentos, com isso fácil de manipular para manter-se empregado na fazenda. Essa estrutura sempre tem apoio para que se mantenha fora dos olhares do Estado. São ajustes que fazem para que o processo laboral aconteça, mas não pereça os interesses do capital.

A roupagem que se põem em prática as relações de poder no território tem caráter latifundiário-escravista, que impera suas relações com o próprio Estado, aplicando sua forma de manter a ordem diante de suas terras, assim como nas demais propriedades vizinhas, para que seja uma relação única perante a força de trabalho vendida nesta região. Sendo assim, uma visão social de um espaço territorial diferenciado do resto da federação brasileira.

No caso brasileiro, a migração é uma tradição, faz parte do “equipamento cultural tradicional”. Se o indivíduo quer melhorar de vida, não resta outra alternativa, a não ser migrar para as cidades, particularmente as grandes. A movimentação no espaço geográfico equivale a uma movimentação no espaço social, organizada a partir do grupo de relações primárias: família, parentes, vizinhança e amigos (BRITO, 2009, p.10).

A realidade brasileira estar centrada em uma cultura escravagista capitalista que visa sempre usurpar daqueles que pouco tem, projeto que é fundamentado dentro da ótica do Estado, mantendo a mesma forma agrícola latifundiário que persiste há séculos, essa parte não é trabalhada para que exista evolução, mas para que continue dentro das amarras do poder.

A luta dos capitalistas rentistas será sempre no sentido de empurrar o campesinato para os piores solos, nos locais mais longínquos, assim, ficando com os melhores solos, garantindo um lucro suplementar maior, sem precisar desembolsar grandes somas de investimentos na terra (COSME, 2019, p. 210).

A realidade do campo alagoano converge com o que ocorreu no Brasil diante da forma de pôr em prática mecanismos traçados pela desigualdade do capitalismo, que coloca em foco o interesse social do latifúndio, mesmo que não utilize sua terra procura trabalhar os arredores para que em um período próximo ela possa sofrer alterações de preço, valorizando e colocando o campesinato para trabalhar dentro do seu empreendimento (COSME, 2019).

O interessante da produção do grande latifundiário é sempre produzir em larga escala no sentido de exportação, não produz alimentos para o mercado interno, seus interesses são gritantes com as sementes *in nature* que o mercado externo desenvolverá dentro do seu processo de industrialização e venderá novamente para o Brasil processada ou industrializada.

Neste sentido a produção da “lavoura do pobre” é feita pelo campesinato, que não é sinônimo de preocupação por parte dos grandes produtores, com isso essa base alimentar fica nas mãos dos médios produtores que sempre estão agregando os preços para que os lucros sobre a demanda desta população que pouco tem a oferecer.

A noção de Sertão não é algo sem vida, mas algo que tem riquezas e dentro desta logica que muitos se mantem no poder. Com isso, “entre outros processos, as lutas e as resistências contra hegemônicas dos diversos sujeitos e sujeitas do campo, suas conquistas e as violências sofridas, a exemplo do campesinato assentado” (COSME, 2019, p.144).

Com isso também pode ser percebido e compreendido a maneira de trabalhar e conquistar seu espaço como o campesinato, sempre procurando para aprimorar suas técnicas de forma equilibrada e sem avançar nos meios para conseguir sementes modificadas, mas sempre com as sementes crioulas para ter um produto final com qualidade.

Já ao observarmos o tempo de permanência do migrante, notamos que, ela também seguirá dois caminhos: a migração definitiva, que acontecerá quando a pessoa passar a residir de forma permanente no local a qual ela migrou e a migração temporária, onde o migrante reside apenas por um período pré-determinado no lugar que ela migrou.

2.3 O campesinato Alagoano

O campesinato é uma classe social, que gera lucros dentro de uma escala do capital de pequeno porte, contudo tem suas significâncias para o meio social. Visto que são eles que trabalham para ter a comida na mesa do trabalhador, das pessoas mais humildes. Esses alimentos produzidos a baixo custo, que estão nas feiras livres, assim como nos mercados dentro das hort-frutas.

Entendemos o campesinato como uma classe social e não apenas como um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida. Enquanto o campo brasileiro tiver a marca da extrema desigualdade social e a figura do latifúndio se mantiver no centro do poder político e econômico - esteja ele associado ou não ao capital industrial e financeiro -, o campesinato permanece como conceito-chave para decifrar os processos sociais e políticos que ocorrem neste espaço e suas contradições (MARQUES, 2008, p. 58).

O caminho para o crescimento social e econômico está no criar mecanismos de respeito para com o próximo, visto que a forma de se relacionar de uma nação reflete em seu modo de produção. “Destarte, no caso do campesinato por exemplo, não há como falar de luta pelo território, sem compreendermos que essa não pode renunciar à luta pela terra” (COSME, 2019, p.162).

Essa relação de trabalho tem seu cunho pesado para o agricultor, não pela labuta, mas a forma de como deixa seu lar, indo em direção de locais que não conhece. Para esses homens do interior do Alto Sertão de Alagoas torna-se difícil esse movimento social de trabalho, sempre estão indo para conseguir manter a família, e quando é solteiro para ajudar a família ou começar a sua.

Essa parte do semiárido alagoano foi e é mantida por ideologias políticas com visão social hegemônica que mantém de forma clara uma relação com o trabalho agrário/agrícola do período colonial tendo algumas situações com analogias ao trabalho escravo, demonstrando o seu poder em se manter ativo diante da natureza do capital, mantendo suas posses independentes das variações climáticas da região (COSME, 2019).

Assim, é justamente esse contínuo-descontínuo cultural, e porque não dizer político e econômico, mas sem rupturas estruturais com a forma de organização territorial colonial da antiga Capitania, que permanece ao longo da formação territorial do que viria a ser o estado de Alagoas, com rebatimentos na construção da questão agrária nesse território (COSME, 2019, p. 141).

Essa forma de manutenção de poder demonstra força e planejamento político diante do progresso civilizatório, em pleno 2023 Alagoas continua sendo um estado brasileiro produtor de açúcar, não existe evolução em virtude de maiores concentrações de terras estarem em poucas famílias, com isso eles determinam o que pode e não evoluir no estado alagoano, demonstrando o seu poder territorial.

O poderio político e empresarial está geralmente nas mesmas mãos, com isso desenvolver realidade que possam favorecer a seus interesses não o da população, quando isso acontece é em cima de algo em que já está planejado para obtenção

de seus lucros, essa é uma tomada de direção que sempre estar dentro de uma programação maior.

Nas terras do então homem mais poderoso do estado hoje vivem 10 mil camponeses de oito movimentos sociais diferentes. Trata-se de um processo que se arrasta nos últimos anos onde, movimentos e organizações sociais lutam e pressionam o Estado, para que seja efetivada a construção de assentamentos rurais e a garantia da terra ao campesinato acampado (COSME, 2019, p. 168).

A luta pela terra é milenar, processo social que necessita da atenção do Estado para a garantia da lei e da ordem no campo, visto que estas afrontes não termina em bons resultados quando o Estado não estiver presente, políticas de desenvolvimento no campo devem ser adicionada para que o acolhimento ao campesinato possa ser desenvolvido.

A carência de melhorias para as famílias camponesas de Alagoas ocorre em virtude da locação dos poderes políticos da região, sempre trabalhando para fins de suas próprias famílias, com isso o povo sofre diante do autoritarismo impetrado pelos gestores. Esse sistema geralmente está alancado de cima para baixo do sistema que sempre está em uma constância para que os elos do poder não pereçam.

A formação deste território foi centrada no campesinato, visto que essa forma de gestão foi trabalhada para que a terra fosse mediada para os antigos coronéis do Alto Sertão. Essa movimentação sempre estar dentro de uma realidade de forma de poder e capital que movimenta uma economia direcionada dentro de classes.

Em Alagoas, os donos da terra, do capital e do poder são os que determinam, de forma quase que absoluta, os rumos das relações de poder, especialmente a partir da política e do poderio econômico, haja vista terem representantes infiltrados nesses três poderes (COSME, 2019, p.166).

O Estado de Alagoas tem seu território centrado nas mãos de algumas famílias que geralmente estão na esfera do poder sempre trabalhando para que as carências por mais terras sejam almejadas. O poder é sempre controlador, diante daqueles que pouco tem, neste sentido o trabalho se firma em não dar espaço para o novo, ao não ser que esteja em seu controle.

Essa facilidade em manipular a população para atender aos fins do capital não é algo novo, mas que já vem sendo aplicado há muitos séculos, mas com roupagem diferente, contudo existe um trabalho em focalizar e provocar para que esse poderio econômico possa sempre evoluir continuamente, cada investida sempre está dentro do projeto financeiro.

O poderio econômico se concentra sempre diante de uma população de quem tem o domínio da terra, que visa os interesses próprios, que coloca os menos afortunados para trabalhar. Em muitas realidades coloca esse campesinato para sair dos arredores de suas terras, seja na base do “cercamento” ou simplesmente na força para que esses possam ter uma direção diferenciada da sua moradia.

A expropriação e a expulsão de uma parte da população rural libera trabalhadores, seus meios de subsistência e seus meios de trabalho, em benefício do capitalista industrial; além disso, cria o mercado interno. Na realidade, os acontecimentos que transformam os pequenos lavradores em assalariados e seus meios de subsistência e meios de trabalho em elementos materiais do capital, criam ao mesmo tempo para este o mercado interno (MARX, 1985, p. 865).

Esse dinamismo do capital, que visa a sua realização perante os menos favorecidos, conota caminhos controversos e sem ética para romper com o acaso e com isso construir caminhos diante da ilusão do outro. A materialidade é o bem maior, não há pensamentos de melhorias, mas se somar perante o outro a força do trabalho do camponês.

Essa divisão social do trabalho oprime para que o sistema local possa permanecer, assim o relacionamento de imposição trabalha para que os frutos da labuta possam emergir diante do dono da terra, não havendo confronto e conformidade para que esse formato possa gerir diante da realidade do campesinato.

2.4 A função social da propriedade rural

A constituição de 1988, procura romper com autoritarismo do regimento militar, e traz consigo um ordenamento jurídico para a propriedade, dar sentido aos preceitos da propriedade sem desmerecer a função social, respeito a natureza e seu sentido capitalista dentro do seu valor comercial.

A visão de desenvolvimento e trabalho devem ser apresentadas diante da função social da terra que não está vinculado ao processo de industrialização e valorização do capital. A sustentabilidade e o gozo estão atrelados a essa função diante do ser, analisando as verticalidades para a movimentação social do camponês para a terra.

O ser humano necessita de espaços para que a sua relação social possa existir, dentro do mecanismo do direito da terra para que a sustentação de sua

condição social tomando assim o seu objetivo de ampliar a qualidade assim como os componentes da família, aprofundando diante do conhecer e fazer parte da terra.

Cada homem tem uma propriedade em sua própria pessoa. A esta ninguém tem o direito além dele mesmo. Qualquer coisa que ele então retire do estado com que a natureza a proveu e deixou, mistura-a ele com seu trabalho e junta-lhe algo que é seu, transformando-a em sua propriedade (LOCKE, 1988, p.409)

O ser humano em si necessita de seu espaço para que possa garantir o seu sustento, essa verticalidade da apropriação da terra no Brasil tem suas raízes dentro de um sistema escravocrata excludente, com requintes de crueldade para que nem todos possam ter o direito de ter um lote de terra para o seu uso. Com isso poder ser compreendido como: "aproveitamento racional e adequado, utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente, observância que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores" (BRASIL, 1988).

Como dispõe a doutrina da função social da propriedade estabelecida pelo art. 2º, § 1º do Estatuto da Terra (1964).

A propriedade da terra desempenha integralmente sua função social quando, simultaneamente:

- a) favorece o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores que nela labutam, assim como de suas famílias
- b) mantém níveis satisfatórios de produtividade
- c) assegura a conservação dos recursos naturais
- d) observa as disposições legais que regulam as justas relações de trabalho entre os que a possuem e a cultivam.

O estatuto da terra em 1964 período conturbado no mundo livre depois de uma segunda guerra mundial com muitos países em processo de reconstrução, assim como período de guerra fria colocar em prática o bem-estar, demonstrando a necessidade de melhorias para o ser humano, assim como a conservação das reservas para que possa sempre ter.

As diversas constituições que o Brasil não visava a melhoria no campo, mas centrava o poderio do grande fazendeiro, "esta interpretação anula a consequência porque transforma a ausência do cumprimento da função social em mais uma razão de desapropriação, como na velha lei de 1964" (MARÉS, 2003, p.119).

A constituição de 1988 em sua essencial desenvolve o olhar para o cidadão, assim como para o homem de campo, o cuidado pela preservação dos espaços verdes e nascentes assim como a garantia no uso da terra, com seu bem-estar, garantindo esse direito para avançar e progredir, mediante as normas preestabelecidas em lei.

A transformação social da terra diante da necessidade do capital transforma o meio, que emerge esse movimento a fundamentação da constituição de 1988, tratou no Título II, Capítulo I dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos expressamente no seu artigo 5º, incisos XXII e XXIII, da garantia do direito de propriedade atendida a função social (BRASIL, 1988).

Os direitos sociais estar atrelado a função social da terra que garante esse compromisso e desenvolvimento no campo. Contudo o Estado deve estar presente para garantir esses direitos a propriedade, visto que os conflitos são constantes em virtude da imposição de poder dentro do campo, o campesinato necessita de espaço para trabalhar. Suvórova & Románov, “o capitalismo desenvolveuse eliminando violentamente a pequena produção, apoderando-se da terra e de outros meios de produção das massas populares” (1987, p.46).

O Brasil é um país continente, contudo muitos não tem ou não utilizam de sua propriedade, está sempre atrelado aos fatores capitalistas para que essa propriedade possa ser trabalhada. “O tamanho da propriedade e o poder político-econômico do proprietário definiam sua função e determinavam a implantação de estruturas que viabilizassem a produção” (ANDRADE, 2002, p. 15).

No contexto econômico da terra a posse é trabalhada diante dos mecanismos para aumentar seu valor para que o grande proprietário latifundiário possa repassar essa terra com valores agregados para terceiro de forma fatiada, para assim dar sua continuidade diante dos processos de valorização da terra, é uma prática principalmente nos dias de hoje.

a posse surge com a utilização econômica da coisa, e a proteção jurídica sobre a posse advém, em última análise, da proteção jurídica sobre a propriedade, uma vez que a posse é vista, na teoria de Ihering, como uma externalização da propriedade (SANTOS, 2020, p. 01).

O Estado que organiza essa propriedade perante as leis vigentes, contudo existe as relações de acordos e proteção em meio à proximidade política [...] “evidente é que é necessário compreender como os diferentes pactos sociais vêm institucionalizando a apropriação da terra e sua manutenção como propriedade privada capitalista” (COSME, 2019, p.160).

Esse avanço de preço sempre estar atrelado a negociações em que o Estado desenvolve melhorias próxima as terras, com isso vai havendo a valorização da propriedade, caminhos amplos para o capital gerar benefícios para aqueles que

detêm o poder da terra onde é determinada por lei que seja trabalhada com a função social.

Art. 186. A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

- I. aproveitamento racional e adequado;
- II. utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;
- III. observância das disposições que regulam as relações de trabalho;
- IV. exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores. (BRASIL, 1988).

A preservação e conservação dos espaços se fazem necessário para que a função social da terra possa ser mantida, visto que o uso deve ter critérios de preservação para que os pontos necessários da vida possam existir dentro desta propriedade, a maneira que possa trabalhar e explorar para que tenha resultados condizentes com a natureza.

Essa exploração é feita de forma desordenada, visto que muitos proprietários para que o Estado não perceba a sua grandeza de terras divide em pequenas propriedades no papel para que possa majorar esses valores e com isso ter um valor acima do que existe na região, e com isso vai controlando as demandas por terras.

Trabalho ativo dos proprietários de terra para driblar as relações de trabalho e comercialização da terra, demonstra o preparo e controle diante do Estado ou com o Estado. Essa exploração perante os menos afortunados garante o domínio ativo da terra e forma de concentrar o poder em uma única família diante de hectares de terra que poderia ser produtiva. Neste mesmo sentido de limitação da utilização da propriedade, estabelece o artigo 1.228, § 1º do Código Civil:

O direito de propriedade deve ser exercido em consonância com as suas finalidades econômicas e sociais e de modo que sejam preservados, de conformidade com o estabelecido em lei especial, a flora, a fauna, as belezas naturais, o equilíbrio ecológico e o patrimônio histórico e artístico, bem como evitada a poluição do ar e das águas (BRASIL, 2002).

Para uma propriedade rural obedecer a essa realidade descrita acima, deve estar atrelada aos valores sociais, ambientais e econômicos, caso contrário dar espaço para a desapropriação da terra para reforma agrária, quando não houver a observância das regulamentações referente ao trabalho, análogo a escravidão ou degradação do meio ambiente.

Os esforços no sentido da garantia dos direitos a propriedade devem ser preservados para a continuidade da existência de uma terra produtiva para gerar um bem-estar para seus usuários. “todo indivíduo tem o dever social de desempenhar determinada atividade, de desenvolver da melhor forma possível sua individualidade física, moral e intelectual, para com isso cumprir sua função social da melhor maneira” (FIGUEIREDO, 2008, p. 78).

Sempre o poderio do capital que comanda essas coisas para prevalecer sobre os menos afortunados, cabendo ao Estado intervir para que o uso da terra seja viável, “[...] concepções teóricas historicamente desenvolvidas acerca da Questão Agrária e são importantes para a compreensão das peculiaridades do processo atual de organização da produção camponesa brasileira” (AZAR, 2009, p. 7).

O camponês no Brasil desenvolve seu plantio de pequena escala, procurando trabalhar para manter a sua família o excedente coloca para ser vendido, com isso constrói essa relação com a terra para que com isso o seu bem-estar com sua família possa acontecer, essa relação social estar firmada perante a necessidade do crescimento e criar bases em sua propriedade.

A propriedade é um direito primário ou fundamental, ao passo que os demais direitos reais nele encontram a sua essência. Encontrando-se em mãos do proprietário todas as faculdades inerentes ao domínio, o seu direito se diz absoluto ou pleno no sentido de poder usar, gozar e dispor da coisa da maneira que lhe aprouver, podendo dela exigir, todas as utilidades que esteja apta a oferecer, sujeito apenas a determinadas limitações impostas no interesse público (GONÇALVES, 2019, p. 220).

A propriedade rural deva obedecer a seus fins para que o equilíbrio seja estabelecido, garantindo o desenvolvimento e utilidade para que a igualdade possa ser desenvolvida no campo em meio a produção econômica com a terra. Essas observâncias das disposições devem ser colocadas em prática para que as relações de trabalho possam ocorrer.

A propriedade tem seus fins jurídicos e sociais, que visa a melhor condição para uma sociedade, tratando enquanto relação social, mas ela abriga mais que com isso pode estabelecer mecanismos que fortaleçam o próprio meio social, garantindo uma inclusão e sentido em trabalhar perante a realidade em que esteja inserido na própria propriedade.

Essa necessidade de preservar, conservar e manter parte da propriedade estabelece melhor uma relação do camponês com o bioma, que faz parte da realidade do homem, que precisa ser preservado para que o amanhã possa ser real,

nascendo sempre a esperança de poder usar a terra para que com isso possa existir o sustento para todos.

[...] é relevante o uso da expressão aproveitamento ao invés de produção, o que, por si só, sinaliza para a superação do produtivismo, entendido como o uso sem quaisquer limites até o exaurimento, a fim de se colher o máximo no menor tempo, não importando as consequências ou reflexos na prática [...] (PETERS, 2006, p. 128).

Essa prática do uso até o exaurimento não pode estar acontecendo, visto que com isso estabelece uma forma de não poder mais usar essa propriedade, deixando de lado o passo social para a formalização do bem-estar. Não pode simplesmente existir o sustento diante do desgaste total da propriedade, mas manter e aproveitar para que essa propriedade possa sempre gerar bons frutos.

As práticas podem ser sensibilizadas diante do capital, contudo deve haver cautela para o uso da terra, visto que a vida do camponês depende desta relação ativa e prática para o não exaurimento dos recursos com a terra, mas administrá-la de forma consciente, com isso sempre existirá espaços para desenvolver a sua lavoura.

A necessidade de mudanças de paradigmas deve ocorrer no campo para que o campesinato possa trabalhar e ter consigo o direito de usar a terra para que sua produção seja estabelecida conforme as normas preestabelecidas em lei, com isso o projeto social irá se estabelecer para algo ativo diante da reflexão com seu próprio meio.

3 O CAMPONÊS EM ÁGUA BRANCA

3.1 A difícil jornada do camponês no alto sertão

O camponês no alto sertão sempre está vivendo momentos de incertezas em virtude de como pode manter sua família em meio aos contrastes do capital. A

carência de espaços que possa colocar em prática o que eles sabem fazer com a terra é algo complexo em sua cabeça, devido se sentirem inúteis em virtude da falta de local para trabalhar. A necessidade de avançar para a sobrevivência impulsiona a migrar para áreas verdes no intuito de vender sua força de trabalho para alimentar sua família.

É evidente a consolidação do capital dentro do rural, perante o trabalho de expropriação do camponês, com o passar dos tempos começa a monopolizar esse território, sempre conotando com o fim do campesinato, sujeitos que aos poucos iriam mudando para o conceito de agricultor familiar que produziria para o capital, realidade que não se caracterizou, o camponês sempre esteve dentro do capitalismo, sempre na sua realidade inserido no processo de produção como forma de sobrevivência para a sua família.

A necessidade de vender suas horas de trabalho em terras em que eles não conhecem é difícil, mas necessário para que possam se manter e administrar em breve as suas terras, diante do seu roçado, colocando em prática as diversidades da lavoura, que sempre necessita de atenção e cuidados especiais sempre diferenciado para cada tipo de lavoura.

Essa escolha da lavoura sempre é crucial para que eles possam ter um ano proveitoso ou dificultoso. Quando a safra é boa terá alimento para o ano todo e o restante vende para que com isso possa comprar algo que a terra não oferece, com isso a o jogo comercial para conseguir uma estabilidade com a propriedade e a família.

A vida do homem do campo não é fácil, o trabalho é contínuo que sempre estar ativo para novos caminhos, visto que a migração sempre fez parte desta realidade quando não tem outra forma para ser administrada seja financeiramente seja em alimentos da terra em sua família, o camponês procura outros caminhos. Dentro deste processo o caminho é sempre difícil, mas necessário para juntar dinheiro e retornar para seu lar.

A classe social camponesa não é estranha ao capital, essa forma de manutenção da vida, é uma necessidade que coloca em movimento e relações com a força do trabalho diante da necessidade da manutenção da família, eles não perdem a essência de camponês, mas procuram trabalhar para que o seu lar não seja desconstruído, mas sempre bem unido diante das incertezas do próprio capital.

Essa maneira de progredir do capitalismo diante do camponês tem características excludente, contudo, essa classe social não se abate, procuram estabelecer no processo de recriação do campesinato, para que possam estar presentes e fortificados diante dos processos, não se alienando, mas adentrando de forma prática para conseguir o seu sustento retornar para a sua propriedade.

Essa realidade do camponês da Serra do Cavalo possui na sua essência a migração rumo ao corte da cana uma necessidade enquanto classe social, essa mobilidade é tida de certo ponto como resistência diante das próprias práticas do capital. Quando ele migra passa a ter um sentido inerente ao capital, que estar sempre se reinventando, que com isso o camponês sente essa relação e procura se manter diante das adversidades.

No alto Sertão alagoano a realidade da sobrevivência é complexa, as estiagens, a falta de recursos para manter a família impulsiona para procurar emprego em outras cidades ou regiões, onde tenha mais facilidade em conseguir emprego ou qualquer outra coisa para ter o sustento da família. Muitos não se adaptam a uma realidade diferente do que fazia em suas terras.

O corte de cana ou a colheita do café são rotas para muitos dos camponeses da região do alto sertão alagoano, que sempre estão fazendo esse processo migratório, com a intenção de juntar um pouco de dinheiro e voltar para seu lar. Essa realidade demonstra a determinação e escolha de uma formulação mais real para a família.

Esse processo temporário em migrar para o corte de cana nasce no sentido de colher um pouco de recursos financeiros para suprir o momento de baixa nos serviços da roça em Água Branca, com isso os trabalhadores visam essa forma de trabalhar principalmente na zona da mata de Alagoas período do corte da cana-de-açúcar.

A mobilidade do trabalho vem procurando ser algo mais que necessário diante da realidade do trabalhador, visto que as exigências do capital colocam para essa população a necessidade de migrar para conseguir sobreviver dentro do sistema capitalizado. Essa classe camponesa sempre estar se recriando para se manter diante da realidade social, procurando não ser engolido pelos grandes empresários.

Alguns também estão migrando para a região de São Paulo para a colheita do café são poucos que querem se aventurar para não deixar a família por um longo intervalo de tempo com isso preferem o corte da cana em Alagoas, mesmo ganhando menos, mas tem a certeza de estar perto dos familiares. São Paulo, existe também o corte da cana, mas o café é sempre mais rentável quando eles se aventuram para essa região sudeste.

3.2 Comercialização da mandioca e seus derivados na Serra do Cavalo

A farinha da Serra do Cavalo, a massa da tapioca, a própria tapioca, o beiju, o bolo de malcasado e outros derivados da mandioca são produzidos e comercializado nas feiras livres, garantindo assim uma circulação ativa da Cidade de Água Branca-AL no sistema financeiro, mas nem todos conseguem colocar seus produtos nas feiras e garantir o seu próprio sustento.

A riqueza cultural é muito proveitosa, e tem sido alimentando sempre diante da realidade atual, sempre desenvolvendo as melhorias para que o alimento não falta na mesa, assim como trabalhando a terra em seu período certo para que a sua safra possa acontecer e ter reflexos positivos e com isso não ser necessário migrar para outra cidade.

A venda da farinha é sempre ativa perante a realidade nas feiras livres, assim como nos mercados, garantindo um produto de qualidade e responsabilidade, sempre competindo com os camponeses dos estados vizinhos, mas isso nunca foi problema para eles, visto que a venda é só do excedente, produz o necessário dando para o ano, o restante faz negócio em feira ou em mercado.

Figura 02: a farinha sendo ensacada depois de ser pesada, pronta para a venda



Fonte: própria (2023)

A comercialização da maioria dos produtos derivados da mandioca é feita na própria comunidade. O comprador, também residente da comunidade, vai até a casa de farinha com uma balança e faz a pesagem da farinha. O saco de farinha contém 50 kg, e o valor varia em determinados épocas do ano, oscilando entre 80 e 250 reais.

Segundo Paulo de Chico, comprador da foto acima, em épocas de seca extrema onde a maioria dos chefes de família da comunidade viaja a saca pode chegar até R\$300. Ainda segundo o mesmo o preço oscila de acordo com a produção de outros estados e cidades, pois em épocas que outras cidades e estados produzem muito e importam para a nossa cidade o preço cai muito. Grandes casas de farinha onde a produção não é manual e sim motorizada, a produção é muito maior do que a manual, devido a isso impossível o pequeno agricultor competir com o preço de mercado.

Quando a safra é boa o rendimento e prosperidade nas comunidades, visto que o camponês não tem essa visão de lucro, mas de conseguir ter o que comer durante o ano, fortalecendo o compromisso com a família com o sustento e sempre o que excede, troca com outros vizinhos ou vende, mas sempre tem foco no decorrer do ano em seu sustento.

Figura 03: Casa de farinha abandonada



Fonte: própria (2023)

Geralmente o abandono desta instalação de casa de farinha estão dentro da falta de matéria prima, visto que eles produzem mais para o próprio sustento, a comercialização é pouca. A linha de produção destas comunidades é sempre para eles, o que excede e comercializada, neste sentido o processo de migrar vai acontecendo quando não existe outra realidade a ser feita.

Acima podemos ver uma casa de farinha que funcionava semanalmente abandonada, pois com o abandono do campo por parte dos agricultores o seu funcionamento chegou ao fim. Sempre visando a melhoria de como desenvolver seu trabalho perante da necessidade da família. Essa realidade do campo é complexa para que estar vivenciando, simplesmente necessita de ajuda para manter ativo os processos.

Essa comercialização não depende simplesmente da família, mas de como e onde vender, com isso adentra atravessadores, mesmo com a produção pouca sempre tem alguém querendo ganhar algo diante da realidade do pequeno agricultor, com isso o negócio fica travado ou simplesmente não se mantem perante o giro do capital.

A casa de farinha necessita também de cuidados para que os processos possam acontecer sem desgastar os trabalhadores e trabalhadoras, com isso as etapas necessitam de cuidados e retomada da frente onde operava as máquinas, seja elas manual ou no motor, todo processo necessita de atenção e cuidados para que atenda as demandas do processo da farinha.

Figura 04: roda do processo manual da casa de Farinha



Fonte: própria (2023)

Essa roda é bem rustica, era de um processo manual que tinha que colocar em prática para que outros processo da fabricação da farinha pudesse acontecer, com o avanço da própria comunidade o plantio ficou fraco, e nesse sentido os camponeses nesta parte de Água Branca não quiseram mais fazer a farinha, alguns que ainda continua no plantio vai fazendo em outra casa de farinha em outra serra.

Com o passar do tempo vários equipamentos que eram utilizados foram ficando obsoleto e sendo trocados, com o intuito de aumentar a produção e facilitar a vida dos pequenos agricultores. A roda foto acima era utilizada para girar a bola que processava a mandioca. E abaixo duas prensas, utilizadas para secar a massa, podemos observar uma de madeira e outra mantendo o mesmo modelo só que de ferro.

Essa prática aumenta o processo diante da realidade e necessidade da fabricação da farinha, assim como os demais derivados da mandioca, com isso o camponês aumenta a produção e tem menos esforço para executar os processos, neste sentido a fabricação é feita e sempre gera mais produto, com isso tem menos trabalho.

Figura 05: prensa hidráulica



Fonte: própria (2023)

Com a prensa hidráulica a realidade para a secagem da massa é facilitada em menos tempo, configurando assim um trabalho mais objetivo diante da fabricação da farinha, com essa pressão diante da massa para a retirada da água com isso as demais etapas seguirão mais rápidas. Enquanto outras famílias deixaram de lado a plantação de mandioca e resolveram ir para outras culturas ou simplesmente não querem mais desenvolver lavouras.

Em Água Branca em 1997, tinha cerca de 63 casas de farinha, uma produção ativa diante de sua população e para as cidades vizinhas, sempre atendia aos interesses das comunidades da cidade de Água Branca, o excedente depois era comercializado para o comércio local e cidades vizinhas, sempre na intenção de melhoria para os filhos.

Já em janeiro de 2023, apenas 42 casas de farinha de pé. Funcionando apenas 16 em determinados períodos do ano. Inverno, onde se colhe uma colheita para o plantio da outra, independente se a mandioca está boa para a colheita. Tal fato se dá devido a quantidade de terra desses camponeses serem pouca.

Semanalmente algumas famílias utilizam as casas de farinha para a fabricação da goma de tapioca e da própria farinha da serra e (farinhada, esse é o nome que as famílias dão ao processo para a obtenção dos produtos finais). No final

do processo eles dão 10% do obtido como forma de pagamento ao dono, pela utilização da casa de farinha. Tendo na serra 523 famílias ao total.

Parte desta nova geração não se identifica mais com a roça e parte para outros processos laborais, garantindo o seu sustento, seja trabalhando para outros, seja com outras formas de trabalho, contudo ficam na propriedade, mas não desenvolve mais lavoura, visto que a lavoura requer tempo e muito esforço físico, com isso alguns preferem outro ramo de trabalho.

A realidade é alterada pelo processo laborativo, pois essa realidade após o trabalho, já não é mais a mesma. Da mesma forma, o trabalho também é transformado, no sentido em que adquire novas habilidades com tal ação social.[...] O trabalho no seu sentido concreto pode ser definido como um processo de realização do ser social, meio pelo qual os sujeitos sociais transformam a natureza e se transformam, dialeticamente. Atividade permeada de sentido, condição para a existência humana (FIALHO; SANTOS, 2011, p. 3 - 4).

Com o avanço do capitalismo e as novas demandas de consumo e mercado, muitos não vivência mais a sua cultura, estilo de vida é moldado com as novas tendência e formas de viver e vivenciar com o novo, com uma realidade totalmente diferenciada para o trabalho formal, dando assim novas expectativas para as demais famílias.

Essa transformação do dinheiro em capital é o caminho para um mercado competitivo em um sentido duplo que visa a mais valia diante dos processos laborais, garantindo diante da forma ativa do trabalhador a procura por diretrizes que possam pôr em movimento perante o processo da força de trabalho que vai ser impulsionada para a vontade e compromisso social.

Figura 06: Terra ociosa da comunidade



Fonte: própria (2023)

Com o abandono das roças os espaços foram sendo preenchidos para outra forma de agricultura, as terras foram cercadas e utilizadas como pastagem. Segundo o Sr. Paulo de Chico, morador, comerciante e agricultor da comunidade antes não dava de enxergar o fim das roças de tão grandes que eram, porém, devido as dificuldades enfrentadas pelos agricultores (secas, pragas, invernos rigorosos entre outras) as pessoas resolveram sair para o corte de cana em determinada época do ano, (viajam no verão e ficam aqui no inverno preparando a terra, quando eles viajam seus filhos e mulheres ficam aqui tomando de conta da roça) como forma de contornar os problemas

Figura 07: Plantio da mandioca



Fonte: própria (2023)

Acima podemos observar duas plantações de mandioca de agricultores diferentes, porém com algo em comum. Devido a comunidade estar localizada em um brejo de altitude, é frequente a ocorrência de trovoadas no verão e invernos rigorosos, e diante da inclinação dos terrenos pode ocorrer que ele eroda. Após a percepção desse intemperismo físico, os agricultores desenvolveram uma técnica para que tal fenômeno não aconteça. Durante o processo de plantio os agricultores fazem valas altas e de diferentes formas, onde a água ficara retida e será absorvida pelo solo, impedindo dela descer e formar correntezas levando assim a plantação.

O trabalho destas famílias de campesinato visa o abastecimento da casa, sempre preocupados com uma alimentação boa para todos do lar. Com essa roça tendo sempre o compromisso de multiplicar e pôr em prática ativos para a qualidade final na farinha, assim como nos demais derivados, que com isso compromete toda a família neste processo assim como alguns dos vizinhos que na safra ou melhor no preparo da farinha do outro haverá a participação da família e dos vizinhos.

3.3 O movimento migratório temporário dos agricultores da Serra de Água Branca-AL

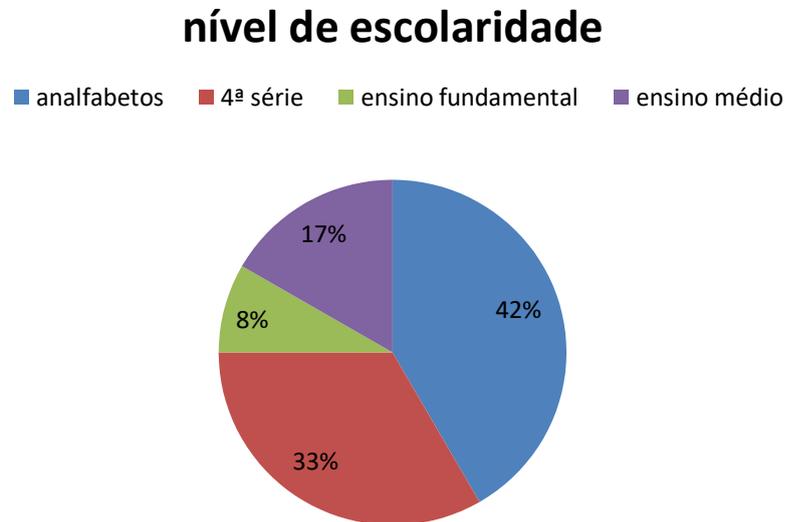
O movimento migratório temporário dos agricultores da Serra de Água Branca-AL, procuram estão sempre diante de adquirir o alimento para sua família, a falta de trabalho na cidade assim como não tem lavoura com isso se verem obrigados a partirem em direção do corte de cana nos interiores de Alagoas, para conseguir algum dinheiro.

A pesquisa foi desenvolvida dentro de um público de 12 trabalhadores variando no fator idade entre 25 e 70 anos, que não conseguem parar ou simplesmente desenvolver outra atividade, com isso migram para outras terras, não tem outra escolha em conseguir um trabalho menos doentio, visto que o corte de cana é pesado e contínuo para conseguir alcançar as metas.

Dentro da realidade da cidade de Água Branca, assim como as cidades vizinhas se não tem uma profissão a tendência é trabalhar com bicos, como eles chamam de empeleitar determinados trabalhos, com diária de 50,00 reais, com isso levam pouco para a sua casa, mal consegue alimentar a família, e estas empeleitas

geralmente são escassas tendo que assim executar um bom trabalho para que possam chamar novamente.

Gráfico 01: escolaridade dos entrevistados



Fonte: autor (2023)

Estes agricultores, com pouco ou quase nenhum conhecimento formal, visto que 5 são analfabetos, 4 com 4ª série, com o ensino fundamental 1, e 2 com ensino médio, com isso pode ser compreendido a falta de visão destas pessoas diante do processo laboral do corte da cana-de-açúcar, realidade que não tem muito para oferecer para a família, mal consegue se alimentar ou juntar um bom dinheiro para o retorno.

A forma como estas pessoas expõe suas respostas principalmente pode perceber a falta de perspectivas de futuro, simplesmente tem que trabalhar e conseguir mais dinheiro para que a família não passe fome, visão centrada em trabalhar, não existe para estas pessoas prazer em viver em um dia de folga, mas em vender mais um minuto para a força de trabalho.

A escolha por migrar para esses trabalhadores não é opcional, mas estão em momentos de não fazerem escolhas, mas de correr a procura de qualquer serviço que possa ajudar na manutenção do seu lar. Com isso adentram essa forma de trabalho, que as vezes pode ter condições análogos a escravidão, em virtude de muitos serem analfabetos não conhecem de seus direitos e ficam sujeitos o que realmente o patrão deseja.

Esses trabalhadores, camponeses ou simplesmente como são conhecidos de boia-fria visam desenvolver suas atividades e voltar para o aconchego do lar, trabalho pesado que não visa muito habilidade, mas centrar no desenvolvimento do corte, no acúmulo das toneladas para que possa conseguir os valores necessários para regressar ao lar.

3.3.1 A realidade e a enfermidade no canavial

A labuta é intensa e o dinheiro é contado. Com uma renda que varia dentro deste processo laboral de 800 a 2400 reais por mês, tendo assim que dentro deste valor tirar para o dia a dia e mandar o restante para a família. Realidade que não é bem em virtude da força do trabalho diante do corte de várias toneladas de cana-de-açúcar para obter um dinheiro que não pode sustentar uma família de forma digna.

O interessante quando você começa a conversar com essas pessoas que consegue estabelecer uma certa confiança e eles falam do jeito deles como é realmente o “trecho”, os mais novos conseguem dobrar o que conseguem por aqui em Água Branca, por lar dobra, contudo, os mais velhos não é assim retiram pouco mais do que conseguem em sua cidade natal.

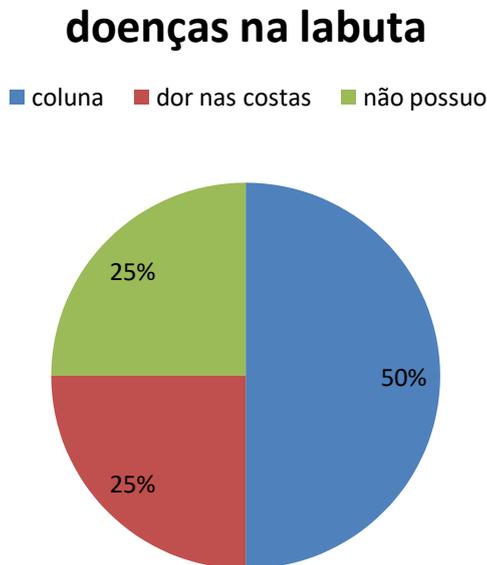
O dinheiro é muito pouco em vista de tanto risco ao qual são submetidos dentro de um canavial. Visto que quando estão na zona da mata encontram pessoas de outras regiões do nordeste e pode haver desavenças. Os mais experientes sempre ensinam para os mais novos por onde e como andar nestes locais para conseguirem retornar para sua cidade com vida.

É praticamente quase impossível encontrar um cortador de cana com mais de 5 anos sem não ter acometido pelo menos um corte de facão, seja por cansaço seja por outra realidade, mas sempre tem um corte em um trabalhador e uma história real sobre esse processo para a garantia do sustento, realidade que vai aumentando com o passar da idade.

O esforço físico é gritante, visto que muito lesiona facilmente a coluna assim como acomete cortes no corpo em virtude do próprio cansaço com isso desenvolve movimento contínuo dentro de uma realidade mecânica, esquecendo praticamente a sua própria realidade, esse processo mecânico pode ser visualizado e conotado pelo

meio acadêmico na primeira revolução industrial onde era homem e máquina, nesta relação será homem e facão para atingir as metas das toneladas da cana diária.

Gráfico 02: Possui alguma doença crônica



Fonte: autor (2023)

No gráfico acima pode observar as queixas mais comuns quando se pergunta sobre as doenças crônicas adquiridas no corte da cana, coluna é sempre a mais diagnosticada, dor nas costas quando um dia passar no médico vai se enquadrar na coluna, e os mais novos falaram que não sentem nada, com o passar dos anos é que vai aparecendo as complicações em virtude dos movimentos repetitivos.

Esse esforço é algo comum nesta prática, que envolve o início do amanhecer do dia, assim como o longo dia ao sol escaldante, até a boca da noite, com isso o trabalho é formulado de forma contínua para atingir as demandas para conseguir o dinheiro, quanto mais tempo e agilidade consegue o número de toneladas, contudo doenças como de coluna, braços, pernas e câncer de pele é bem propício para os cortadores de cana-de-açúcar.

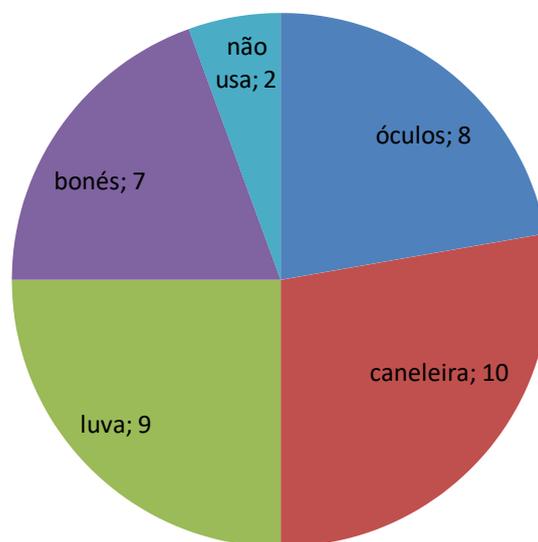
3.3.2 A utilização de materiais de proteção

Os materiais de proteção individual são essenciais para todo trabalhador, visto que estão dentro das normas técnicas que resguarda para que não seja ou

possa ter menos impactos diante do processo laboral e é uma realidade que deve ser mantida pelas empresas para que seus funcionários possam ter menos impactos negativos diante do desenvolvimento dos processos. Óculos

Quanto os materiais de proteção os EPIs para os cortadores de cana mais velho, falam que pouco existia no início, era de havaiana mais de certo meio de 96 por aí teve proteção, como caneleira óculos e outros. Com isso sempre existia acidente dentro do canavial, e ficava lá agonizando por socorro, era muito complicado até para chegar o carro.

Gráfico 03: Se usa os materiais de proteção



Fonte: autor (2023)

O gráfico acima expor quem usa e o que usa quando estão na labuta, segundo relato deles são forçados a usar os materiais quando tem possibilidade de haver fiscalização externa do ministério do trabalho, mas é só neste período que existe a intensividade do uso dos EPIs, com a ausência do indício todos podem trabalhar como quiser.

Segundo dois trabalhadores os materiais de proteção dificultam o manuseio das ferramentas, com isso atrapalha a produção, com isso também a empresa faz vista grossa em quem estar ou não usando os equipamentos, e também o não uso diminui as despesas com esses equipamentos de não são baratos para os cofres da empresa.

A fiscalização por parte de órgãos públicos existia naquela realidade sempre fazendo de conta que não estava vendo, segundo a fala dos entrevistados que a usina comprava aquelas que vinham desenvolver a fiscalização, eles vinham para comprovar que estavam fazendo o serviço dele, mas nunca notificavam a empresa. “A gente ouvia falar que ele era comprado”.

O que pode ser apreciado com essas informações é que o trabalhador não tem como cuidar de sua saúde, visto que o fator cuidados com a saúde não existem no meio do canavial, a sorte é lançada praticamente diante da realidade destas pessoas, em algumas das empresas as vezes aparece EPI, mas pouco. Com isso não existe uma proteção.

Esses agricultores são das variadas Serras de Água Branca que visam conseguir melhorias no corte de cana no interior de Alagoas, contudo pouco recebem por muitas horas ao sol, assim como desenvolvendo corte de toneladas de cana-de-açúcar por quantias insignificantes, com isso procuram juntar dinheiro para retornar ao lar.

Neste processo do corte da cana-de-açúcar estão propensos aos riscos laborais do facão, problemas físicos ou mentais nestas ações dentro do canavial da usina, todos os entrevistados conseguiram algum tipo de lesão física ou mental, tem entrevistado que foi acometido das duas realidades, com isso tem que ter certos cuidados para ser uma pessoa sociável.

Essa natureza laboral sempre foi complexa. Nos dias de hoje vem se tornando ainda mais seja com o trabalho forçado em algumas partes do Brasil em outras a ausência de pessoal para acompanhar esses profissionais e colocá-los em evidência quando são acometidos por algum tipo de acidente do trabalho, com isso passam por momentos complexos até a chegada de ajuda no campo.

Essas formas de situações foram relatadas por os entrevistados, demonstrando certo medo em voltar para o campo da cana-de-açúcar alagoana, mas a necessidade fala mais alto, com isso nos meses de safra estão sempre retornando para o canavial para desenvolver esse processo e quando terminar retornar para sua família.

3.3.3 O apoio da família

Os relatos dos entrevistados são gerais quando se fala em família, só realmente deixam quando não existe outra opção, se pudessem já teriam abandonado essa vida de migrar para a zona da mata, visto que por lá não ganham muito, mal dar para se manterem, mas é um dinheiro certo, com isso tem essa relação com a moagem da cana.

Para esses trabalhadores é sempre difícil abandonar suas famílias por um período sazonal em busca do sustento dos que ficaram. É árduo, mas se faz necessário adentrar deste contexto por um dinheiro que não é fácil de conseguir, as vezes a doença aparece não consegue nada, com isso o desespero em dar o seu melhor e vim embora.

A família para esses homens é a base de tudo que rege em sua vida, com isso a carência em avançar com sua vida para outros locais distante de seus entes para que não lhe falte o que comer, essa realidade é realmente o que coloca esses agricultores para fora de sua terra natal e aventurar na zona da mata por um trabalho temporário.

Em virtude de muitos destes não terem conhecimento formal, não tem base de custos com a família, simplesmente onde um come dois pode comer e assim segue essa linha de raciocínio para aumentar a sua prole, dificultando cada vez mais quando aparece outra boca para sustentar, eles possuem muita vivência de mundo.

A corrida por dias melhores é sempre o impulsionador destes trabalhadores, contudo em seus próprios relatos são travados, porque não tem trabalho para eles na cidade de Água Branca, com isso tem que retornar ao corte da cana, na cidade em que residem existem apenas bicos e também são temporários com pagamentos sempre baixo.

Quadro 01: Quantidade de filhos por entrevistados

Participantes	Quantidade
01 entrevistado	4 Filhos
02 entrevistados	7 Filhos
03 entrevistado	3 Filhos
04 entrevistado	4 Filhos
05 entrevistado	0 Filhos
06 entrevistado	2 Filhos

07 entrevistado	8 Filhos
08 entrevistado	3 Filhos
09 entrevistado	2 Filhos
10 entrevistado	4 Filhos
11 entrevistado	5 Filhos
12 entrevistado	1 Filho

Fonte: autor (2023)

Principalmente os mais velhos tem a grande responsabilidade de suprir tanto os alimentos, como com sua presença diante da realidade familiar, dando o seu suporte para que os filhos possam seguir caminhos corretos como a sociedade impõe, para que possam seguir caminhos melhores que seus pais, sempre retratando as dificuldades e aprendizados que já vivenciaram no “trecho”.

Quando estão em Água Branca sempre estão levando os filhos para aprender o trabalho da roça, ter responsabilidade e frequentar a escola para que possam construir seus próprios caminhos, conversando e relatando as escolhas em que fazemos, com isso gera consequências. Eles falam que o contato com os filhos “é o combustível para não desaminar nas horas pesadas do corte da cana na zona da mata”.

Dos 12 entrevistados apenas 02 não é casado, um tem 01 e outro nunca teve relação familiar, neste sentido pode compreender as características do grupo estudado, estão dentro de uma relação ativa familiar na Serra do Cavalo, sempre no objetivo de manter-se presente para que seus filhos possam evoluir dentro de um ambiente seguro.

Por ser um trabalho árduo, eles sempre pedem para a gente ir em busca de melhorias, contudo difícil mesmo é sair, visto que as áreas de emprego pouco acolhem na cidade de Água Branca, ao mesmo que se torna abandonar toda a nossa história da Serra do Cavalo.

Esses vínculos fazem parte da essência do agricultor que sempre estar em volta do trabalho com o campo, mesmo nos momentos de ausência para trabalhar em outras regiões, não esquecem da agricultura familiar, ainda ensinam os mais novos esses valores sociais com a terra, que deve existir para que suas ações possam dar bons frutos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de conhecer os caminhos para a felicidade do campesinato e vivenciar o seu melhor diante de suas metas que é ter sempre o seu sustento de forma digna mediante as adversidades do próprio tempo, com isso sempre é

necessário estabelecer momentos de luta, mas que fortalece a estrutura dos meios para a garantia da manutenção da família.

Este estudo tem um olhar atento a esta definição de corrida por dias melhores, em muitas situações se deparam com a ideia da migração, que buscam trabalhar em outros cantos do Brasil, não só em Alagoas nos arredores da Zona da Mata, mas onde possa conseguir o sustento temporário para a família não ficar desabrigada.

Essa forma laboral é sempre complexa para aqueles que saem do lar, dos seus costumes para vivenciar outras formas de trabalho no campo, seja no corte da cana-de-açúcar, colheita do café, colheita do algodão não importa, mas que possa garantir o sustento familiar e retornar para seus afazeres em sua pequena propriedade da Serra do Cavalo.

A migração no sentido laboral é sempre complexa diante da realidade daquela equipe que está se dirigindo para outras áreas da agricultura, sempre com outros camponeses que tem suas ideias e sonhos diferentes rumos a serem traçados, mas que todos procuram trabalhar, dar o melhor para conseguir alcançar os projetos.

Em muitas situações é presenciado trabalho análogo a escravidão, muitos ficam em barracões sem nenhuma estrutura ou qualidade, mas dentro de uma realidade insalubre que compromete a realidade daqueles que estão presos naquela propriedade, seja com o confisco de documentos, seja com pessoas armadas com spray de pimenta ou arma de choque, que com isso vai retirando a dignidade da pessoa humana.

O camponês que passa por situações assim é complexo, visto que sua liberdade está comprometida, não dando espaço para que eles possam trabalhar e gerar uma renda para que sua família não fique desamparada. Essa realidade está a todo momento ficando mais comum, retomando épocas complexas para a pessoa humana.

O camponês é sempre sinônimo da parte mais frágil da relação de trabalho

com isso sofre, enquanto o proprietário do empreendimento tem seus rendimentos aumentados significativamente, demonstrando seu poderio perante a relação de trabalho análogo a escravidão. Cabendo assim a denúncia para que possa ser corrigido essa realidade brasileira.

Esse processo migratório é amplo, não se restringe a uma pequena parcela dos moradores da Serra do Cavalo em Água Branca-AL, mas uma parcela ativa ociosa trabalhadora, que pouco tem e visa crescer, ter uma fonte de renda diante da sua venda de hora, contudo torna-se difícil em virtude de certas condições de trabalho ao qual o Brasil vem ofertando, praticamente sem nenhuma garantia de condições de trabalho, pela realidade atual, logo estarão cobrando do trabalhador pagamento para ele conseguir trabalhar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anaximandro Doudement. **A Propriedade e a Produtividade: a regulamentação do ART. 185 da Constituição Federal de 1988.** Monografia. UniCEUB – Centro Universitário de Brasília. 2011. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/578/3/20719448.pdf> Acesso em: 21 mar. 2023.

AZAR, Zaira Sabry. **Questão Agrária no Brasil: aspectos histórico-conceituais.** IV Jornada Internacional de Políticas Públicas. Agricultura, Segurança Alimentar e Meio Ambiente. 2009. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/8_agricultura/questao-agraria-nobrasil-aspectos-historicoconceituais.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço agrário brasileiro: velhas formas, novas funções, novas formas, velhas funções.** Espaço e Tempo, São Paulo, n. 12, 2002. Disponível em: <www.geografia.fflch.usp.br>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes.** 2009. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST3/FaustoBrito.pdf> > Acesso em: 18 mar. 2023.

COSME, Claudemir Martins. **A resistência do campesinato assentado em uma formação territorial marcada pela contrarreforma agrária: da luta pela terra à luta para permanecer no território dos assentamentos rurais no Sertão alagoano.** 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/35353/1/TESE%20Claudemir%20Martins%20Cosme.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FIALHO, Aline Farias; SANTOS; Jânio Diniz dos. **Mobilidade do trabalho, trabalho e reprodução da vida no Assentamento do Projeto Casulo/BA.** 2011

FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin. **A propriedade no Direito Ambiental.** 3ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2008.

- GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito Civil: Direito das Coisas**. São Paulo: Saraiva. 2019.
- KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teóricoprática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.
- LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. Trad. Julio Fischer. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MARÉS, Carlos Frederico. **A função social da terra**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2003.
- MARX, Karl. **A Chamada Acumulação Primitiva**. In: O Capital. Lv. I, Vol. 2, São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista NERA**, Presidente Prudente, Ano 11, nº. 12, pp. 57-67, Jan.-jun./2008.
- MINAYO, M. C. S., DESLANDES, S. F., NETO, O. C., GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: VOZES, 2000, 16ª Ed, 80 p.
- OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de; OLIVEIRA, Antonio Tadeu Ribeiro de. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos.pdf > Acesso em: 18 mar. 2023.
- PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. Editora UNISINOS, 2006.
- SANTOS, M. M.; GALVÃO, J. C. C.; SILVA, I. R.; MIRANDA, G. V.; FINGER, F. L. Épocas de aplicação de nitrogênio em cobertura na cultura do milho em plantio direto, e alocação do nitrogênio (15n) na planta. **Revista Brasileira de Ciências do Solo**, Campinas, v. 34, p. 1185-1194, 2010.
- SANTOS, Claudinei Lucio. **Planos nacionais de Reforma Agrária: uma leitura a partir dos movimentos sociais**. *MovimentAção*, v. 7, n. 13, p. 59-72, 2020
- SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, p.1998.
- SUVÓROVA, M. ROMÁNOV, B. **Que é propriedade?** Trad. I. Chaláguina. URSS: Progresso, 1987.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
Carlos Lima do Nascimento

ALGUMAS CONOTAÇÕES DAS MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO CAMPO NO MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA-AL NA ATUALIDADE

Roteiro de Entrevistas

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Endereço:
- 4) Tempo de serviço:
- 5) Grau de escolaridade:
- 6) Estado civil:
- 7) Tem filhos:
- 8) Ocupação:
- 9) De onde surgiu a ideia de trabalhar nos canaviais?
- 10) Já trabalhou em outro ramo:
- 11) Qual a renda estimada mensalmente?

12) Ocupação quando está aqui:

13) Qual a renda aqui?

14) Qual sua primeira impressão diante de um canavial?

15) Teve alguma dificuldade no início?

16) Durante o serviço teve algum problema?

17) Já chegou a adoecer?

18) Já desenvolveu alguma doença crônica?

19) Nos anos iniciais a empresa se preocupava da mesma maneira que se preocupa hoje?

20) Existe alguma atividade recreativa que a empresa desenvolve com vocês?

21) A empresa ampara os trabalhadores caso adoçam?

22) Existe matérias de proteção? Quais?

23) Existe fiscalização por parte de órgãos públicos?

24) Caso tivesse oportunidade deixaria os canaviais?

25) Qual a opinião de sua família em relação a esse trabalho?

